



## O bom, o mau e o indiferente – considerações estoicas e epictetianas

Aldo Dinucci

Um dos pontos menos compreendidos do estoicismo se refere à clássica distinção entre coisas boas e más e indiferentes. Como citado por Diógenes Laércio e Ário Dídimos, os estoicos dividem as coisas todas do mundo em boas, más e indiferentes. Boas e más são respectivamente as virtudes e os vícios. Indiferentes, todas as demais. Isso sempre causa estranheza ao senso comum, pois entre as indiferentes são colocadas coisas que geralmente se pensam boas (como riqueza, saúde, beleza, sucesso) e más (como pobreza, doença, feiura e fracasso). Bertrand Russel, em sua História da Filosofia, dá voz a essa incompreensão:

Para uma mente moderna, é difícil sentir-se entusiasmado pela vida virtuosa se nada puder se alcançada por meio dela. Nós admiramos um médico que arrisca sua vida em uma epidemia de praga porque pensamos que a doença é um mal e esperamos diminuir sua frequência. Mas se a doença não é um mal, o médico pode também permanecer confortavelmente em sua casa. (Bertrand Russel, *The history of western philosophy*, p. 255.)

A raiz da distinção estoica está no diálogo *Eutidemo*, de Platão, no qual Sócrates. Nesse diálogo, Sócrates observa que os bens reconhecidos pelos mortais se transformam em males se administrados por imprudentes. Apresentarei o argumento de Sócrates no *Eutidemo* de um modo didático. Pensem em uma lista de bens. Suponho que nela incluirão coisas como a riqueza, a saúde, o poder, um elevado *status* social, o prazer, a vida. Mas considerem o seguinte: a riqueza na mão de um tolo se torna inútil ou destrutiva; e se pode ser má, não é em si mesma nem boa nem má. A saúde também nem sempre é um bem, já que seu contrário, a doença, pode por vezes

levar o homem a valorizar sua vida e tomar ciência de si mesmo. O poder já foi ocasião para a ruína e a destruição de muitos. Um elevado *status* social pode concorrer para tornar o homem arrogante e cercá-lo de falsos amigos. O prazer também nem sempre é um bem, pois há prazeres que escravizam e destroem os homens. Seu contrário, a dor, nem sempre é um mal, pois às vezes é um meio para se obter algo maior (como o atleta que se submete a um treinamento extenuante para melhorar seu desempenho). E a vida também não é em si mesma um bem ou um mal, pois há ocasiões em que a morte é opção melhor que a vida (como no caso de alguém que, para continuar vivendo, tem que trair seus princípios, sujeitar-se a indignidades, ou compactuar com crimes). Somente a sabedoria (*sophía*) propicia a verdadeira boa fortuna, que consiste em estar ao abrigo da fortuna, porque apenas ela transforma o que acontece aos mortais em bens. A sabedoria possibilita ao homem desfrutar sua saúde e ser perseverante na doença, fazer bom uso tanto da beleza física quanto da feiúra, não ver no *status* social um mérito ou um demérito seu ou dos outros, usufruir o prazer e suportar a dor quando for preciso. Enfim, com a sabedoria o homem pode bem viver e bem morrer.

Os estoicos, entretanto, adicionam o conceito de preferível (*proegmenon*), que seria a coisa a ser escolhida segundo a natureza humana, pelo que a saúde, por exemplo, seria preferível ao seu contrário. Esse conceito, entretanto, gerou grande confusão e crítica por parte das escolas adversárias. Como algo preferível não seria melhor que algo não preferível? Isso não faz das coisas preferíveis de certa forma boas para o ser humano e conseqüentemente as não preferíveis más?

Epicteto elimina essa confusão reorganizando a distinção inicial. Sua proposta é dividir as coisas em coisas que estão sob nosso encargo (*eph'hemin*) e coisas que não estão sob nosso encargo (*ouk eph'hemin*)<sup>1</sup>. As primeiras, que incluem nossos juízos, impulsos e desejos, podem ser boas ou más. As segundas são indiferentes (*adiaphora*). A tradução da expressão *ouk eph'hemin* é complicada. Muitas vezes é traduzida por 'sob nosso poder', 'sob nosso controle', mas esta tradução pode levar a enganos, pois efetivamente as coisas *eph'hemin* estão sob nossa responsabilidade, mas não necessariamente sob nosso controle. Nossos juízos, impulsos e desejos só estarão sob nosso poder se tomarmos

---

<sup>1</sup> Cf. Epicteto, *Encheiridion*, capítulo 1.

controle deles através de um processo de reavaliação de nossas opiniões, o que termina por ser um dos objetivos centrais da filosofia estoica e do socratismo em geral. Como se sabe, Sócrates afirma, na Apologia, que “uma vida sem exame não vale a pena ser vivida” (38a). De fato, apenas através do exame crítico das próprias crenças e das crenças daqueles que nos rodeiam podemos nos libertar falsas opiniões (preconceitos, falsas conceitos etc.) que nos fazem literalmente escravos do senso comum, tornando-nos senhores de nós mesmos.

Epicteto associa as coisas sob nosso encargo às que podemos efetivamente escolher. De fato, podemos controlar nossos e desejos e impulsos e rever nossas opiniões, isso está totalmente sob nosso encargo. Entretanto, as coisas exteriores, que incluem nosso corpo, seguem leis que lhes são imanentes: os objetos do mundo seguem as leis da física; os animais, seus instintos; os demais humanos, suas próprias escolhas. A ênfase nessa capacidade de escolher (o conceito de *prohairesis* que Epicteto toma de Aristóteles) é, até onde se sabe, a grande contribuição epictetiana para o estoicismo. Ela é muito útil para esclarecer a distinção original entre coisas que estão sob nosso encargo e coisas que não estão: as primeiras, podemos escolher e controlar, as segundas, não.

Mas aí vem de novo a questão proposta por Russel. Se, por exemplo, a doença não é uma mal, por que o médico se importará em curá-la? Ampliando: se toda coisa exterior (não sob nosso encargo) não é um bem nem um mal, por que se importar com o que quer seja? Por que agir? Epicteto parece estar ciente desse tipo de questão, pois responde exatamente a ela em uma diatribe. Deixemos que ele nos fale então:

(1) Os materiais são indiferentes, mas o uso deles não é indiferente. (2) Como então alguém se manterá simultaneamente equilibrado<sup>2</sup> e sem agitação<sup>3</sup>, simultaneamente agindo como cuidado e não ao acaso nem sendo arrastado? (3) Se imitar dos jogadores de dados. Os números são indiferentes, os dados são indiferentes: então sabes qual número está para sair? Fazer uso do número que cai com cuidado e habilidade<sup>4</sup>, eis aí a minha tarefa. (4) Do mesmo modo, portanto, o principal sobre a vida é isto: distinguir e separar as coisas e dizer: ‘As coisas exteriores não estão sob meu encargo, (5) a capacidade de escolha está sob meu encargo. Onde buscarei o bem e o mal? Nas minhas coisas’. Quanto às coisas de outrem, jamais as chames de boas ou más, benéficas ou nocivas, ou qualquer outro <nome> semelhante. (6) E então? Devo fazer uso das coisas <exteriores> de modo descuidado? De modo algum, pois isso, por sua vez, é um mal para a

---

<sup>2</sup> *Eustathes*.

<sup>3</sup> *Atarakon*.

<sup>4</sup> *Technichos*.

capacidade de escolha e, desse modo, contrário à natureza<sup>5</sup>. (7) Mas <devo fazer uso das coisas exteriores> simultaneamente com cuidado, porque o uso não é indiferente, simultaneamente com equilíbrio e sem agitação, porque a matéria é indiferente. (8) Pois onde há o que não é indiferente, aí não se pode ser obstaculizado nem constrangido. Onde sou obstaculizado e constrangido, a obtenção <da coisa> não está sob o meu encargo, nem <a coisa> é boa ou má, mas o uso <dela> é bom ou mau e está sob o meu encargo. (Epicteto, *Diatribes* 2.5, intitulada ‘Como conciliar grandeza da alma e cuidado’ – em minha tradução)

Nessa diatribe, Epicteto introduz a noção de ‘material’ (*hyle*, *Diss.* 2.5.1) para explicar o caráter das coisas que não estão sob nosso encargo e que não são passíveis de escolha. Esse último é o caso dos ‘materiais’, como se vê no exemplo do jogo de dados (*Diss.* 2.5.3). Ao jogar um dado, nunca sabemos qual número cairá, mas podemos escolher o que fazer assim que um número nos for revelado no lance de dados. Com a ação a partir do material que se nos apresenta devemos ter todo o cuidado, pois justamente essa ação será resultado do trabalho prévio sobre nossos juízos, desejos e impulsos. O bom jogador de dados jogará com habilidade, habilidade esta conquistada pela prática do jogo. O homem de bem agirá com reflexão, reflexão esta conquistada pela prática filosófica de examinar seus juízos e desejos e suavizar seus impulsos.



(O piloto Chelsey Sullenberger)

Em *Diss.* 2.5.7, Epicteto adiciona uma tarefa difícil, agir com cuidado e sem agitação, isto é, agir com tranquilidade e calma. Essa é justamente a

---

<sup>5</sup> Para *physin*.

característica daquele que é capaz de agir com técnica e habilidade: ele atravessa as maiores dificuldades de forma impassível. Um exemplo disso foi o voo do Airbus A-320, que, em 2009, decolou do aeroporto de La Guardia, em Nova Iorque, teve um sério problema nas turbinas e pousou placidamente no rio Hudson cinco minutos depois<sup>6</sup>. Segundo os passageiros, o piloto Chelsey Sullenberger disse-lhes durante o incidente que havia perdido força nas turbinas e, como não era possível retornar ao aeroporto, pousaria no rio, o que fez com destemida maestria. Outro exemplo é o de um bom médico em um pronto-socorro. Graças ao aprendizado e à experiência, ele pode agir com calma em situações de acidentes que levariam qualquer um de nós ao desespero e ao desmaio. Essa combinação do cuidado e do equilíbrio, Epicteto destaca, não é fácil de ser alcançada:

(9) É difícil conciliar e combinar estas coisas: o cuidado de quem se devota aos materiais e o equilíbrio de quem é indiferente a eles, mas não é impossível. (10) Do contrário, a felicidade seria impossível. É como fazemos em relação à navegação. O que me é possível? Escolher o piloto, os marinheiros, o dia, o momento propício. (11) Então, desaba uma tempestade. O que isso ainda me importa? Fiz minha parte. A tempestade é problema de outro, do piloto (12) E também a nau afunda. O que tenho a fazer, então? Faço apenas isto: o que me é possível. Afogo-me sem temer nem gritar nem acusar a Deus, sabendo que é preciso <morrer>, porque o que nasce também precisa morrer. Pois não sou eterno, mas humano, parte do todo como a hora é parte do dia. Pois me é preciso começar como a hora e terminar como a hora. (14) Que diferença há, para mim, de que maneira parto, se por afogamento ou por febre? Pois me é preciso partir por algum meio desses. (15) Verás fazendo isso também os jogadores de bola experientes. Nenhum deles considera a bola<sup>7</sup> como um bem ou um mal, mas algo para lançar e pegar. (16) De resto, no <lançar e no pegar a bola estão> a destreza, a habilidade, a rapidez, o fair-play<sup>8</sup>, a inteligência, de modo que eu não posso pegar a bola nem se me esticar

---

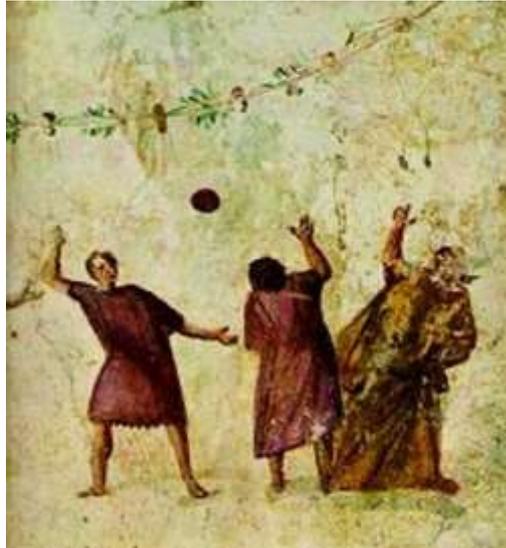
<sup>6</sup> <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/o..MUL958028-5602.00-POUSO+DE+AVIAO+NO+RIO+FOI+UM+MILAGRE+DIZ+GOVERNADOR+DE+NOVA+YOR+K.html>

<sup>7</sup> O termo é *harpaston*, *harpastum* em latim. Trata-se de versão romanizada do jogo grego *phaininda*, Jogava-se com uma bola pequena, do tamanho das usadas no *softball*. Não sabemos exatamente as regras, mas, segundo relatos da Antiguidade, era um jogo bastante vigoroso e, por vezes, violento, que envolvia lançar e agarrar uma pequena bola sob os olhos de torcidas atentas e entusiasmadas. De acordo com Ateneu (*Deipnosophistes*, 1.14-15), havia dois times envolvidos no jogo, com número variável de participantes, que buscavam manter cada qual a bola sob seu comando, lançando-a de um para outro, lembrando de certa forma o *rugby* ou o futebol norte-americano. Galeno elogia o jogo como ótimo exercício físico (Singer, *Galen: selected Works*, 1997, p. 299-304). O termo *harpaston* é derivado do verbo *harpazo*, que significa ‘agarrar’. Cf. Marcial, *Epigramas* 7.32; Julius Pollux, *Onomástico*, 9.105; Sidônio Apolinário, *Cartas*, 5.17.7.

<sup>8</sup> O termo aqui é *eugnomosyne*, que se traduz por “bom sentimento”, “candura”, “bondade”, “nobreza de sentimentos”. Como aqui o termo se refere a uma boa qualidade de um jogador, escolhemos o termo que se aplica hoje ao comportamento “bondoso” de um jogador em campo de futebol: o *fair-play*.

todo, enquanto o jogador <experiente> pega a bola se eu a lançar. (17) Mas se pegamos ou jogamos a bola com agitação e medo, que tipo de jogo será este? Como permaneceremos equilibrados? Como veremos a sequência do jogo? (Epicteto, *Diatribes*, 2.6.2 – minha tradução)

Epicteto afirma aí que harmonizar o cuidado de quem se devota aos materiais e o equilíbrio de quem é indiferente a eles é difícil, mas é ao mesmo tempo o próprio segredo da felicidade (*Diss.* 2.5. 9-10). Os exemplos que Epicteto oferece na sequência nos orientam o que fazer: em uma viagem marítima, devemos nos concentrar naquilo que nos cabe; no mais, nada nos resta (como meu amigo Tarquínio sempre destaca em nossas conversas sobre Epicteto), senão aceitar o destino (como no caso de fatalidades) e aceitar que cabe a outro tomar a frente e agir (como no caso da tempestade, em que não cabe ao passageiro intervir na ação do piloto, mas cabe a este bem levar a embarcação através da tormenta). Epicteto acrescenta ainda o exemplo do antigo jogo romano jogo de bola, com o qual podemos traçar uma analogia com nosso futebol. Os melhores artilheiros são aqueles que sabem se posicionar na área e têm sangue frio e habilidade para pôr a bola na rede. O pouco habilidoso nem conseguirá colocar-se no lugar certo nem, mesmo se por acaso estiver bem colocado, conseguirá marcar o gol. A bola é o material. Ela não tem valor por si dentro do jogo. Se ela fura ou se perde, imediatamente é substituída por outra. O que importa é o que se faz com a bola em campo. Quem jogar com habilidade e frieza se distinguirá de quem jogar de outra maneira (Cf. Epicteto, *Diss.* 2.5. 15). No jogo, a bola não vale por si mesma. É, nesse sentido, indiferente. O que importa é que se faz com ela. As coisas externas, da mesma forma, são, nessa acepção, indiferentes – não são passíveis de escolha. O que podemos escolher é o que fazer diante dela. Ninguém escolhe morrer, mas todo mundo morre. Ninguém escolhe ficar doente, mas todo mundo adocece. Ninguém escolhe, do modo geral, as dificuldades – elas simplesmente acontecem.



(Afresco romano representando o *harpastum* – foto em domínio público – disponível em 02/06/2018 em <http://alecanaya.files.wordpress.com/2010/06/harpastum.jpg>)

Agora, voltando à dificuldade proposta por Russel, o bom médico estoico não considerará as doenças um mal na medida em que elas não são passíveis de ser escolhidas. Mas elas existem independentemente da escolha, e cabe ao médico, por definição de sua profissão, mitigar o sofrimento físico de seus pacientes. Assim, ele buscará o bom tratamento para enfrentar a enfermidade, e só encontrará tal tratamento se for habilidoso, se tiver grande conhecimento técnico e experiência em medicina. Assim, em geral, o estoico preocupar-se-á com agir do modo adequado diante dos acontecimentos, bem como com não agir quando ele nada puder fazer<sup>9</sup>. Nisso residirá o segredo sua tranquilidade e de sua felicidade.

---

<sup>9</sup> Como diz Epicteto no início da *Diatribes* 2.6. “Mas é bom também conhecer a própria qualificação e a própria força, de modo que, nas coisas nas quais não estás qualificado, mantenha silêncio e não te irrites se outros forem melhores que tu nelas”.